

## **ANÁLISE DO LIVRO “O CORTIÇO”, DE ALUÍSIO DE AZEVEDO, E COMPARAÇÃO COM O RACISMO AMBIENTAL NAS FAVELAS DO BRASIL**

### **ODS 10**

Maria Fernanda Silva Santos (Colégio Max)  
Marcela Aparecida de Toloza (Colégio Max)  
Antonio Vivaldo dos Santos Filho (Colégio Max)

Analisando o livro *O Cortiço* é possível observar diversas problemáticas moldadas pelo meio em que os personagens estão inseridos. A obra é pautada em meio a acontecimentos do mundo real, então cabe relacionar aos desafios na persistência do racismo ambiental brasileiro. Um cortiço é um tipo de habitação coletiva, geralmente precária e de baixo custo historicamente, que podem ser vistos como precursores das favelas, pois ambos acolhem populações pobres e vulneráveis socialmente. Já o racismo ambiental é a prática de expor comunidades marginalizadas (especialmente negras, indígenas e pobres) a riscos ambientais maiores, como poluição, falta de saneamento ou proximidade de lixões e indústrias tóxicas. A observação de tal problema é necessária uma vez que, em meio às dificuldades já encontradas dentro desses locais, como Aluísio de Azevedo retrata em sua obra, os moradores têm que lidar com a falta de segurança em seus lares. Entre as vulnerabilidades encontradas na estrutura das favelas, inicialmente pode-se destacar a superlotação desses locais. Logo no início da obra naturalista, é apontado que “na instalação, eram comportadas 95 casinhas”, enquanto nos aglomerados habitacionais atuais esse número se multiplica, com 72,5% das favelas possuindo até 500 domicílios, segundo a [agenciabrasil.ebc.com.br](http://agenciabrasil.ebc.com.br). Outros 15,6% têm entre 501 e 999 domicílios e cerca de 11,9% ultrapassam mil domicílios. Buscando maior associação ao racismo ambiental para o estudo em questão, foi observado que, de acordo com o censo do IBGE de 2022, 72% dos moradores das favelas são pessoas declaradamente negras. Igualmente na obra literária, o autor cita inúmeras vezes personagens com características como “mulato”, “negra”, “crioula”, como no trecho de apresentação do personagem Firmo: “E o mulato firmava-se, crescia, engrossava”. Percebe-se então, que as favelas e os cortiços sofrem de racismo por serem majoritariamente habitados por pessoas pardas e negras e o racismo ambiental acontece uma vez que a condição de existência nos seus interiores é marginalizada. Tanto nos cortiços de Azevedo quanto nas favelas contemporâneas, moradores enfrentam exclusão de acesso a direitos básicos, exposição a riscos e invisibilidade política. Ao realizar a leitura completa da obra é possível identificar as semelhanças e imaginar tamanhas dificuldades que eram vistas na moradia distópica, isto é, com ainda  $\frac{1}{5}$  da lotação encontradas no cenário brasileiro. Observa-se ao final do livro a realidade que *O Cortiço* criou, de uma sociedade perdida e miserável, o ambiente se tornou formado por analfabetos funcionais, prostitutas e trambiqueiros, o que realmente moldou toda a população. Com isso, não se pode esperar nada além dos nossos cortiços do século XX, lotados de possíveis traficantes, criminosos e analfabetos, pois a situação precária em que residem caminha para isso. Portanto, nota-se que Aluísio já previa tamanha

hostilidade em 1890 e essa problemática só irá aumentar gradativamente enquanto medidas sociais não forem implementadas, com o devido auxílio do poder público.

Palavras-Chave: Racismo ambiental; Cortiço; Favelas; Desigualdade Social.